



Nomear♦

Marcus André Vieira

0.

O diagnóstico, para nós, psicanalistas, tem gosto de paradoxo. Supõe categorização, observador externo e objeto estático. Parece o oposto do sujeito evanescente, da singularidade viva, motor de uma análise. J. A. Miller, já no final dos anos oitenta, punha este paradoxo em equação da seguinte forma: *clínica sim, diagnóstico, sim, mas com ironia*.¹

O bom uso da ironia neste caso prescrevia não levar as categorias a sério a ponto de supor que as estruturas clínicas, estariam *no* real. Elas são apenas maneiras de formalizar kits relacionais básicos, de mobilizar semblantes segundo lógicas distintas – vale, aqui, a advertência feita por Freud a Jung: *não se deve tomar os andaimes por um edifício*.²

Com a perspectiva transestrutural do último ensino de J. Lacan, condensada, por exemplo, na frase *todo mundo é louco*, a questão se recoloca de maneira mais radical. A ironia vai longe e chega a ponto de desnaturalizar o próprio semblante fálico. A diferença sexual ou a família patriarcal não serão mais tidos como naturais, o nome do pai e a significação fálica serão agora apenas uma entre outras defesas para sobreviver ao real. Deste ponto de vista, *o rei está sempre nu*.

Por isso mesmo, porém, trata-se de estar ainda mais atento e respeitoso com relação aos semblantes. Então, quando dizemos que é preciso perturbar as defesas, os semblantes, vale lembrar que elas são tudo o que temos.

Este é o ponto. Não basta opor as defesas ao gozo, as categorias diagnósticas à contingência do sujeito, a norma ao real sem lei. É quase o inverso: Quando não há a não ser delírio, quando estamos em um mar de semblantes, de aparências, o que importa é a relação entre eles e o real.

Orientar-se, agora é vital. Quais podem se mover? Quais são âncora? Quais bússola? Aqui incide o diagnóstico. Na decisão do que será orientação e do que não será. Não se trata tanto da correta adequação entre fenômenos e estrutura, mas de uma escolha. O diagnóstico é da esfera da decisão, do ato.

1.

Para avançar, um pequeno desvio pelo que se convencionou chamar *inteligência artificial*.

O que importa não é o quanto o algoritmo é capaz de mimetizar, copiar, nossa inteligência. Não será a capacidade do algoritmo de mimetizar nossa inteligência que interessa, essa que tanto nos assombra. Sim, o *chatgpt*, entre outros, pode escrever textos ótimos, dissertar brilhantemente sobre nosso objeto *a*, até rimar de maneira razoável. Quanto a nosso tema, porém, conta a capacidade dessa interface linguística de - mobilizando uma base de dados gigantesca, nossa internet e aprendendo com seus erros - ser capaz de calcular variáveis a ponto de realizar *predições*.

Essas predições prescrevem tomadas de decisão que até então eram reservadas aos humanos. Neste sentido, vale lembrar que Tang Yu, o mais novo CEO da *NetDragon* de Hong Kong,

megacorporação de games, é um aplicativo. Ele tomará as decisões pela empresa daqui por diante - em quais países abrir fábricas, quem demitir etc etc.³

O algoritmo decide por nós. Mais que isso. Fenômenos como esse, cada vez mais frequentes, permite-nos até dizer que a IA nos interpreta: há em nossos dias um desejo de algoritmo. É o desejo de um poder sem rosto, melhor que o homem. Ele se verifica na escolha preferencial pelo *uber*, pela Amazon, e pela enormidade de avaliações em tempo real para toda e qualquer ação, do entregador de *ifood* ao parceiro sexual.

Votando a nosso tema. Dada esta introdução sem precedentes do algoritmo em nossas vidas, somos levados, por medo reativo, a reavivar oposições românticas. Afirmar que sempre haverá *inteligências não programáveis*: o humor, a poesia, as decisões. Mas não é exatamente o que promove um naturalismo ideal, evidentemente artificial em um mundo e corpo já atravessados de ponta a ponta pelo algoritmo?

2.

Vejam o sonho. Tendemos a achar que o algoritmo nunca conseguirá mimetizar um sonho. Ele funciona como último bastião para os que querem preservar nosso ofício como o de uma humanidade mais natural, mais pura. Tomemos o exemplo de um sonho produzido pelo *chatgpt*:

Sonhei que eu estava indo viver com a avó, mas eu disse: 'Você não pode ter que mudar'. Eu me disse: 'Não, eu acho que a mãe é a melhor coisa para um rapaz'.

É um sonho com todo jeito de *fake*. Parece confirmar a tese romântica de que a máquina seria incapaz de mimetizar nossas loucuras oníricas. Este, porém, é o sonho produzido por uma máquina que só dispõe do que encontra em uma varredura geral na web.

Remeto vocês ao trabalho de Gilson Ianini. Ele recolheu 1300 relatos de sonho na pandemia e a partir deles se engaja em toda uma série de discussões essenciais e, dentre elas, as relativas à capacidade da máquina com relação aos sonhos.⁴

Após alimentar o *chatgpt* com estes sonhos, pede a máquina que ela “sonhe”. Vejam o que ela relata, pós-aprendizado:

Sonhei que estava sendo perseguida por uma espécie de monstro. Eu tentava escapar de lá, mas o monstro tinha saído da casa de um amigo, que já tinha morrido, o que me assustou muito.

Constata-se que nem mesmos os sonhos são impossíveis de mimetizar.

3.

Gilson visa, ironicamente, deixar claro, no contraponto, o quanto tudo, até o sonho, tem uma parte típica e outra única, singular. Há toda uma literatura sobre o típico dos sonhos, especialmente por parte da antropologia etnográfica.⁵ A questão é como lidar com o atípico.

A máquina reproduz apenas o típico do sonho. No entanto, como toda imagem é do Outro, atípico mesmo só seu ponto cego, umbigo, *objeto a*. É um ponto sobredeterminado, pois diversos fios levam até ele. É encruzilhada, “nó de significantes” nos termos de Lacan.⁶

A cada momento em uma análise estamos escolhendo quais caminhos de significação do sonho percorrer. Esta escolha, assim como a decisão diagnóstica, só tem valor se define o semblante ou os semblantes que nos levem à esta encruzilhada crucial do sonho.

Mas há outro tipo de escolha. Após certo número de caminhos e de sentidos percorridos, destaca-se como, com relação a esse ponto de um gozo fora de esquadro é preciso igualmente escolher não escolher. Na diagnóstico, assim como na interpretação, trata-se não apenas de nomear o que deve ser mudado, mas ao contrário, nomear para dar lugar ao que não há como mudar.

Diante do gozo não negativável, rebelde ao sentido, não há como seguir buscando sentidos novos. Nunca vão dizer o que realmente importa. Deixá-lo no silêncio, porém, como gozo místico, está fora de questão. A interpretação pode, no entanto, em vez de dar-lhe sentido, dar-lhe lugar pela *nomeação*.

4.

É exatamente o que propõe Lacan desde seu *Seminário 2*. Na análise há o que resiste à nossa leitura, o mais importante, porém, é o que insiste, o que não se pode dizer. A isso em vez de sentido, pode-se dar *existência* pela nomeação.⁷

Trata-se de encontrar os termos que sustentem o poder de intensidade transformadora do gozo. São os significantes que, na borda do real, podem “passar para as tripas”.⁸ A nomeação faz ressoar estes termos que agem como ponto cego, furos na significação, nem tanto para mudar o sujeito, mas para mudar seu mundo.

Não é o que fazem os *nomes de gozo* tão presentes nos testemunhos de nossos AEs?

O nome faz furo por não ter sentido, apenas vibrar. Uso nome, aqui, no sentido que lhe dá Lacan: de significante ou de nome próprio, mas sobretudo o de letra, litoral de *lalíngua*. É o nome que em sua força irônica ressoa e ri.

Esse é o poder do nome.

O nome, porém, não está só no final, mas sim desde o início. Ainda mais hoje. Foi-se o tempo em que era possível contar com a certeza do furo, do sujeito suposto saber para começar uma análise. É preciso, com o nome, fazer furo.

5.

Em um mundo em que são as tribos, ou melhor, as galáxias de identidades que definem os destinos, talvez, seja preciso lidar com os S1s, com os nomes de outro modo que não o nosso habitual.

Hoje é preciso acessar o poder do nome *a partir* dos semblantes e das imagens e não *apesar* deles. Não se trata tanto de *atravessar* os semblantes, de buscar seu avesso ou seu além, mas de sermos *atravessados* por eles.⁹

O diagnóstico que conta é aquele que aposta nas nomeações que nos levem além. São aquelas que encontramos hoje, por exemplo, nos semblantes das narrativas ameríndias, onde os nomes, *munduruku*, *mapuche*, *yanomami* vibram outro modo de lida com a terra.

Ou, nos corpos negros marcados pela violência racializada, em que *Exu* vibra o nome do devir negro do mundo.

Ou ainda, no deslocamento incoercível do migrante, em que as vozes de *Chimamanda*, *Fanon*, *Lélia* e tantos nomes guardam o acontecimento e o põem em movimento a cada vez que ressoam.

Aliás, não é a escolha do nome que sustenta a possibilidade da democracia e não do ressentimento fascista?

Em cada uma dessas realidades trata-se de contar com o nome. Com o nome que vive no limite da imagem, para além do sentido e da posse, a partir do qual o Outro “vive, se transforma, envelhece, rejuvenesce e - por não ter imagem em si - pode ser o refúgio de todas as imagens”.¹⁰

♦ Redigido para a plenária “El Diagnóstico preliminar cuando “Todo el mundo es loco””, *Enapol (Encuentro Americano del Psicoanálisis de Orientación Lacaniana)*, Buenos Aires, Octubre, 2023.

¹ “A escolha é uma escolha forçada: ou bem nossa clínica será irônica, isto é fundada sobre a inexistência do Outro como defesa contra o real, ou bem será apenas uma cópia pouco criativa da clínica psiquiátrica” (Miller, J. A., *Matemas I*, Rio de Janeiro, JZE, 1996, pp. 190-200).

² Freud, S. Jung, C. G., “Carta 201”, *A Correspondência Completa de Sigmund Freud e Carl G Jung*, Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 374.

³ Fenômenos como esse, cada vez mais frequentes, permite-nos dizer que a IA nos interpreta: há em nossos dias um desejo de algoritmo. É o desejo de um poder sem rosto, melhor que o homem. Ele se verifica na escolha preferencial pelo *uber*, pela Amazon, pela enormidade de avaliações em tempo real para toda e qualquer ação, do entregador de *ifood* ao parceiro sexual.

⁴ Cf. Ianini, G. *Freud no século XXI*, Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2023 (no prelo).

⁵ Cf. C. Beradt, *Sonhos do Terceiro Reich* e Limulja, H. *O desejo dos Outros Etnografia dos sonhos Yanomami*.

⁶ Freud, S. *Edição Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1969, Vol. V, p. 556 e Lacan, J. “Televisão”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p. 519.

⁷ “Trata-se (...) de ensinar o sujeito a nomear, a fazer passar para a existência este desejo que está, literalmente, para aquém da existência, e por isto insiste. Se o desejo não ousa dizer seu nome é porque, este nome, o sujeito ainda não o fez existir. Que o sujeito chegue a reconhecer e a nomear seu desejo, eis a ação eficaz da análise. Mas não se trata de reconhecer algo que estaria ali já dado, pronto para ser cooptado. Ao nomeá-lo o sujeito cria, faz surgir uma nova presença no mundo. Ele introduz a presença como tal e, da mesma feita, cava a ausência como tal. É apenas neste nível que a ação da interpretação é concebível” (Lacan, J. *O Seminário, Livro 2*, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 287.

⁸ Cf. Miller, J. A. *O inconsciente e o corpo falante*,

<https://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9>

⁹ Remeto vocês ao trabalho de GT do Encontro de que participei (coordenado por Cleyton Andrade e Gustavo Ramos). Este texto deve muito às discussões do grupo.

¹⁰ Cf. Benjamin, W. “Trop approaché”, *Rêves*, Paris, Gallimard, 2009, p. 55.